

Estudo Do Público-Alvo Do Português Língua Estrangeira Na Universidade Das Filipinas

Jose Teodoro Vera Cruz

Introdução

O Português língua estrangeira (PLE) é uma disciplina relativamente nova na Faculdade de Artes e Letras da Universidade das Filipinas. Foi apenas, introduzida nos programas acadêmicos da Universidade nos fins dos anos 80. É uma das disciplinas no Departamento de línguas europeias que incluem o espanhol, francês, alemão, italiano, russo e latim.

II Quem são os nossos alunos em PLE?

A. Idade, sexo, língua materna e conhecimento de línguas:

Com 16 aos 19 anos de idade, a maioria dos nossos alunos são raparigas. Vindos de várias regiões do país, têm diferentes línguas maternas dependendo da naturalidade de cada um.

As mais de 80 línguas diferentes das Filipinas provêm todas do “malayo-polynesian” (Pottier i). São línguas cuja estrutura está baseada em sufixos: o sentido e a morfologia das palavras variam dependendo de morfemas ligados à palavra-radical. Os verbos destas línguas não têm tempos mas “aspetos” (Pottier, ii). No entanto, o léxico das línguas filipinas consta de muitas palavras de origem espanhola.

O filipino, a língua nacional baseada em tagalog (a língua falada na capital), e o inglês são obrigatórios na escola primária e secundária. Algumas cadeiras são feitas em inglês.

Como a linguística filipina é uma disciplina relativamente subdesenvolvida, a estrutura da língua nacional tem sido descrita nas aulas como a do inglês: a oração é formada por um sujeito e um predicado. A maneira de ensinar línguas nas escolas primária e secundária é tradicional e estrutural.

Embora uma língua oficial, o inglês é marcador do estado social das pessoas. Quem falam inglês são os educados, negociantes e os da alta sociedade. É uma língua elitista.

B. Atitude e comportamento dos alunos filipinos na sala de aula:

O aluno filipino é geralmente tímido e introvertido. Ele prefere ouvir a falar com o

professor. Ele raramente faz perguntas e se as tiver, prefere procurar a resposta por sua conta.¹

C. Motivação para estudar português:

Embora não tenhamos feito um estudo quanto à motivação dos alunos para estudar português, pode-se dizer que os nossos alunos têm dois tipos de motivações para aprender português. O primeiro, que, na nossa opinião é a motivação principal da maioria dos alunos, é para satisfazer os requisitos acadêmicos sendo o português uma das opções de alguns programas de estudo. O segundo, que é a motivação dos que se especializam em português como “segunda língua”, é para trabalhar nas empresas ou instituições como nas embaixadas, nas várias agências da ONU, nas várias empresas como “telemarketing” ou também como tradutores ou mesmo professores de línguas.

D. Nível de conhecimento de língua. conhecimento do país/espacos da língua-alvo e dos falantes da língua-alvo:

Além de inglês e filipino, os alunos filipinos não aprendem outras línguas na escola primária e secundária, portanto, quando entram na Universidade, desconhecem completamente o português, nem sabem palavras portuguesas, nem o “som” da língua.

Quanto aos espacos da língua-alvo, alguns alunos conhecem Portugal por causa de Fátima. Mas além disso, a maioria deles nem sabem onde fica o país. Quanto ao Brasil, nem pensar! Além da música do Sergio Mendes e Astrud Gilberto, o Brasil fica na América do Sud e como a maioria dos países naquela parte do mundo, os brasileiros falam espanhol!

No entanto, os alunos sabem que Fernão Magalhães era português pois o professor de História insistiu nisso para os alunos perceberem que não foram os espanhóis, colonizadores que nos fizeram sofrer durante quase quatro séculos, que descobriram o nosso país.

No que diz respeito aos brasileiros, os filipinos conhecem-nos através do futebol e sobretudo do voleibol pois o Mundial deste desporto decorreu em Manila em 2000!

E. Contexto de uso e de uso futuro:

Os nossos alunos usam o português praticamente apenas na sala de aula, se bem que, às vezes, falem em português uns com os outros na cantina ou nos corredores, e também com os professores para treinar. Mas isto não se pode considerar como uma regra. Geralmente, mal saem da sala de aula, tocam de falar em inglês ou na língua materna!

Para os que aprendem português afim de satisfazer os requisitos do programa de estudos, não vêem motivação nenhuma para o uso futuro do português. Isto é um

grande desafio para o ensinante que deve dobrar o esforço para fazer perceber aos alunos a importância de aprender línguas estrangeiras.

Os que se especializam em português, pelo contrário, podem servir-se do português em vários contextos do domínio profissional: interacções com os empregadores, empregados, colegas, companheiros de trabalho e clientes nos escritórios, aeroportos, hotéis, empresas e multinacionais em diferentes situações de comunicação.

F. Dificuldades linguísticas:

Um estudo sobre a aprendizagem duma terceira ou quarta língua (o que é o caso da maioria dos aprendentes filipinos), revela que o aprendente, pelo menos no início da aprendizagem, aproxima sistematicamente a língua-alvo da língua que conhece e que é estruturalmente parecida com a primeira.² No caso dos aprendentes filipinos, a língua mais parecida com o português é o inglês. Se analisarmos alguns desvios, são, de facto, provocados pela interferência do inglês: por exemplo, ?"Sou um estudante"; ?"Ja tens ido ao Japão?" em vez de "Ja foste ao Japão?".

Mas o problema ainda é mais complicado. Como o inglês é a segunda língua deles, a interferência da língua materna também se manifesta quando falam em inglês: por exemplo, (ao telefone) "*For a while, please*" em vez de "*Hold on.*" ou "*Just a moment.*" Aliás, dão erros intralinguais (resultados da estruturação do sistema da língua), a maioria deles tendo a ver com as preposições das locuções verbais. Estes erros são, às vezes, transmitidos nos enunciados da língua-alvo o que faz a análise dos desvios mais complicada.

Além dos erros interlinguais e intralinguais, os problemas de conceituação dos elementos linguísticos que não existem em inglês nem em filipino provocam desvios morfo-sintácticos: por exemplo, a diferença entre SER e ESTAR, os noções do género, número e os verbos temporais e modais.

G. Dificuldades culturais:

Tendo uma cultura muito afastada da cultura portuguesa e não sabendo praticamente nada de Portugal nem da língua portuguesa, os aprendentes filipinos compreenderão dificilmente as expressões idiomáticas, os provérbios, a adjectivação comparativa, conotações e a carga afectiva ou negativa das palavras. Até os gestos portugueses são muito diferentes dos dos filipinos: por exemplo, os gestos correspondentes ao telefonema, dinheiro, comer, beber, pedir a conta no restaurante, etc.

Além desta dificuldade, a cultura colectivista dos filipinos também influencia o processamento da língua-alvo. Isto manifesta-se não só na estrutura dos enunciados mas também na prosodia. Também será interessante examinar este problema dos aprendentes cuja cultura é muito diferente da da língua estrangeira.

H. Conclusão:

Este trabalho é importante para os professores de língua que queiram elaborar um método de ensino para os aprendentes filipinos. É claro que a situação de aprendizagem dos filipinos é muito particular por causa de eles falarem inglês baseado numa cultura que foi classificada pelos psicólogos como “colectivista” (Giacobbe 1990, 118). Estes professores devem ter em conta esta situação particular para poderem ensinar qualquer língua românica, pelo menos nas primeiras etapas da aprendizagem, de uma maneira mais eficaz. Cada público-alvo tem efectivamente diferentes maneiras de processar e estruturar o seu conhecimento pois as experiências culturais variam de comunidade para comunidade.³

NOTAS

1. Esta personalidade pode-se atribuir à cultura « colectivista e vertical » dos filipinos que preferem a harmonia ao conflito, o silêncio ao argumento ou discussão. (Veja-se Harry C. Triandis, “Cultural Influences on Personality,” Annual Review of Psychology (2002) : [http://www.findarticles.com/Annual Review of Psychology Cultural influences on personality.htm](http://www.findarticles.com/Annual%20Review%20of%20Psychology%20Cultural%20influences%20on%20personality.htm)).
2. Jorge Giacobbe, « *Le Recours à la langue première* , » *Le Français dans le monde : Recherches et Applications (numéro spécial)* , (février-mars 1990) : 118.
3. É preciso acrescentar que o professor de línguas deve ter em conta que as experiências variam também de indivíduo para indivíduo.

BIBLIORAFIA

Giacobbe, Jorge. “Le Recours à la langue première,” *Le Français dans le monde : Recherches et applications* (numéro spécial). Février-Mars 1990, 115-113.

Pottier, Marina Quirolgico. “Eléments de grammaire tagalog : méthode d'apprentissage progressif.” Unpublished manuscript. INALCO, Paris, France.

Triandis, Harry C. “Cultural Influences on Personality.” Annual Review of Psychology 2002. [http://www.findarticles.com/Annual Review of Psychology Cultural influences on personality.htm](http://www.findarticles.com/Annual%20Review%20of%20Psychology%20Cultural%20influences%20on%20personality.htm)